

CINEMA

Dessa vez Geny Kelly cobrou um tributo menos pesado àqueles que se dignaram a assistir seu último filme. Da vez anterior, isto é, "Um Americano em Paris", a gente aguentava mais de uma hora de chateação para poder gozar os únicos 17 minutos de fita realmente apreciáveis: o "ballet" idealizado por Mr. Kelly. Agora, em "Cantando na Chuva", a coisa vai mais suave, embora ainda longe de ser uma fita sofrível. Pelo contrário até nesta oportunidade o argumento é também ruizinho, bem argumentado de revista, cheio dos defeitos comuns dos coloridos da Metro. Mas que é menos chato que o outro — justamente o que foi premiado não sei quantas vezes pela suspetíssima Academia de Artes Cinematográficas de Hollywood — lá isso não há dúvida que é.

"Cantando na Chuva" explora mais do que qualquer outra fita as velhas canções de sucesso dos primeiros anos do cinema falado, como "Singing in the rain", "You

are my look star", "You were meant for me", "Good morning", etc. Isso é um recurso fácil, mas realmente agradável que ameniza as bobagens que Gene Kelly vai fazendo até a hora do "ballet" final. Dessa vez a Metro usou também o Donald O'Connor, talvez como antídoto para a cara anti-pática de Yelly. No mais a fita resume-se nos quadros de dança, idealizados pelo bailarino e com a colaboração da excelente Cid Charisse — insuperável em suas breves aparições.

Cremós que isso é tudo o que "Singing in the rain" tem para mostrar. O resto é fraquíssimo, mesmo as cenas que mostram os processos de filmagem de outros tempos; um tema magnífico, mas muito mal aproveitado.

E já que o diretor Stanley Donen insistiu tanto com aquelas demonstrações de como se faz a **doublage** de uma voz, porque não utilizou os seus conhecimentos no caso de Gene Kelly? O homem canta mal um pedaço.



O MAIOR

O grande fato da semana foi, sem dúvida, a vitória do Flamengo contra um Fluminense até então invicto no campeonato. Não vamos discutir os detalhes do jogo; a imprensa diária já o fez com fartura. Nem deitar teoria a respeito de marcação por zona ou diagonal. A vitória do Flamengo foi, sobretudo, um fenômeno psicológico, o fenômeno de 11 homens que estreiam mal, continuam mal, mas uma bela tarde, diante de um adversário clássico, resolvem dar tudo — e vencem a poder de entusiasmo, de suor, de peito. Um fenômeno tipicamente Flamengo.

DO SONO

O MELHOR SONO — É aquele que chega na hora em que a gente não pode ou não deve dormir. Quando estamos, por exemplo, na direção do automóvel, defronte da anedota do amigo, durante o programa de televisão, em cima da hora de ir trabalhar, ao lado do amigo de infância e enquanto se espera a sobremesa. É adorável, quando a mulher da gente ou a arrumadeira do hotel vem dizer que são horas; vem,



com aquela arrogância, dizer que nós lhe pedimos para chamar às 7... E nós suplicamos, com a maior humildade deste mundo: "mais 5 minutos, tá bem"? A indumentária do sono varia um pouco. Os homens dormem de pijama, de short ou despidos. Os mais pobres, geralmente, dormem de cuecas — e é aquela cueca, com a qual eles atravessaram o dia. As mulheres deitam de camisolas rendadas e transparentes ou com certos pijamas, que lembram muito fantasia de carnaval. Outras preferem o pijama do marido e ficam umas gracinhas. No verão, homens e mulheres têm ampla liberdade de dormir mais à vontade, mesmo estando juntos. Dentro destas observações sobre o sono; não podemos deixar que o sonho passe despercebido. Sem consultar Freud, Mira Y Lopez ou Gastão P. da Silva, encontraremos os sonhos divididos em duas espécies: os bons e os maus. Sonhar bem é sonhar com mulher ou dinheiro. E sonhar mal é sonhar que a Amada está passando a gente para trás ou que o inimigo está levando uma grande vantagem na briga conosco. Quando o telefone toca e estamos na melhor da dormidelra, devemos dizer um palavrinha pequena, porém sincera. Se Ela ou Ele está roncando ao nosso lado, não adianta catucar, chamar ou fazer cócegas. O certo é juntar tudo o que é seu — seu amor, seus trapinhos — e ir dormir no sofá, no quarto de hóspedes ou no tapete do escritório. Se na travessia, o sono passou, não faça a bobagem de tomar um sedativo, da marca dos **dondrômicos**, alonais, neurinases ou seconais. O paciente deve botar seu terno azul, sua gravata preta e ir todo para o Casablanca. No dia seguinte, Ela reclama. Mas, você está coberto de razões. Roncou... azar dela. De uma maneira geral, dormir é uma coisa muito boa,

se não dorme e faz muito bem à saúde. Apesar disso, a gente não pode fazer — na maior parte das situações — aquele convite tão em uso, em casos de almoço e jantar: vamos dormir comigo? Em resumo: Dormir é morrer de pijama ou camisola e ressuscitar, no dia seguinte, com moy hábito.

SECA — De Aracati, no Estado do Ceará, o amigo me escreve e deplora a falta de chuva: "Velho, aqui está tudo seco. Só tem de verde mesmo, fardo de soldado, pano de bilhar e asa de periquito".

COMUNHÃO GERAL — Naquela cidade, onde eu quase nasci, a UDN (seção regional) organizou a comunhão geral de todos os udenistas. Havia cerca de 200 pessoas inscritas para aquela cerimônia de caráter mais religioso que político. Elementos do PSD, porém, resolveram sabotar aquele ato de fé. Meia hora antes da missa, agentes possedistas entraram na igreja, e, não sei como, colocaram, entre as hostias, algumas pastilhas de Alka Seltzer. Resultado, a senhora do prefeito, udenista de sete costados, ao receber a Eucaristia, já voltou chiando ao genuflexório. Daí a pouco, espumava e se debatia, numa crise de asfixia. O padre parou a cerimônia sacramental e um chefe do PSD local tomou a palavra e disse: "Esta mulher não estava convenientemente preparada para receber o Senhor. Isto é um aviso de Deus. Meus amigos, votai no PSD". Descoberta a troca sacrilega, a paróquia realizou, durante 30 dias, um severa cerimônia de desagravo e reparação pública.

DIANTE DO ESPELHO — Não tales mais. Ninguém te escuta. As palavras são vãs, mesmo em teus versos. De que serve o teu coração, nas mãos dos outros, trocado em palavras, se a Amada é como o rio e passa, sem te ouvir, na mesma caminhada pretendida? De que serve essa emoção tão grande, consotiva, destruidora de ti mesmo, perigosa, fazedora de palavras — as mais lindas — se a Amada é como a procição e passa, sem te ver, na mesma caminhada de avenida? Em ti, a dor do injustiçado de que serve? Se a Amada é como a noite e passa, sem sentir, que a queres prender em teu relógio. Não perturbes o rio, a procição e a noite; não faças versos, porque são palavras... e a Amada dormiu, sem te escutar.

ANTONIO MARIA

VERÃO

Outubro começou quente, as praias cheias, e no centro homens suados andando de paletó em baixo do braço, em Ipanema filas enormes na sorveteria do "seu" Moraes, o Flamengo jogando e vencendo com estranho ardor. Apenas o Sr. Getúlio Vargas fez um discurso para refrescar. Discurso de bom moço; ele apela para todo mundo, pede colaboração, e diz: "Não quero governar sem oposição, porque entendo que sem a crítica livre não há democracia".

Neste ponto o Sr. Getúlio Vargas pode contar com a nossa mais perfeita colaboração. Faremos o possível para que ele não governe sem oposição. Fica prometido.

Fora disso o grave é que perdemos (falsidade de um amigo que ficou de passar lá em casa e não passou) uma visita à Volta Redonda. Mas haverá outros sábados. E que vontade de viajar! Não estou falando em país estrangeiro não, minha vontade é ir a Guarapari, no Espírito Santo, nadar, pescar, dormir, sonhar talvez quem sabe. Ou então a Manáus, sair numa canoa beirando um igarapé do Rio Negro, remando devagar.

A vida é curta, a gente vai deixando, vai deixando, e não faz as coisas. Fica neste Rio de Janeiro ouvindo discursos do Sr. Getúlio Vargas, como há 20 anos atrás. Que falta de imaginação! Daqui a um ano ele empreende uma nova renovação de valores, nomeia o Sr. Filinto Muller para a Chefia de Polícia — ou por que não o Sr. Luzardo? — o Sr. Francisco Campos para o Ministério da Justiça — mas por que não o Vicente Ráu?

Sim, é verdade, eu ando triste. Mandeí a carta ao Prefeito pedindo para ele me arrumar um telefone, ele moita. Que fazer? Xingar o Prefeito? Mas não vale a pena. Xingar a Light sim, isto faz bem à alma, e tem a vantagem suplementar de ser completamente justo. Porque essa coisa de petróleo, de siderurgia, está tudo muito bem; mas deixar a energia elétrica entregue a uma companhia voraz, imoral e ineficiente, isso é um atraso de vida inominável para o público e para o país também. Ela agora quer entregar os bondes à Prefeitura. Esperemos que a Prefeitura não compre esse monstruoso bonde. O que interessa não é bonde, é a energia. Só o que a Light gasta com montes de diretores de suas companhias, de advogados oficiais, oficiosos e secretos, de dinheiro e favores para os jornais, só isso daria para melhorar vários serviços públicos. Conta-se uma frase cínica de um ex-diretor: "um terço do Brasil está na minha gaveta; o resto está na fila esperando para entrar". Será que nem em um momento como este, de luta contra o colonialismo, não aparece ninguém para organizar uma campanha ampla, decisiva, contra essa "holding", para nacionalizar a energia elétrica logo que possível, ou pelo menos fiscalizar com eficiência verdadeira a concessão? Não são brasileiros os engenheiros que estão dirigindo a construção da Hidrelétrica de São Francisco? Não são brasileiros que dirigem Volta Redonda? Se já temos homens para enfrentar essas tarefas, por que continuar com a energia elétrica nos dois maiores centros urbanos e industriais do Brasil nas mãos de uma Companhia estrangeira desorganizada e ladravaz? Convido o excelente deputado Afonso Arinos a fazer com que a UDN estude esse assunto: ela tem homens bastante bem informados para esmucá-lo e organizar uma campanha séria de libertação da energia elétrica brasileira. E que, como não teve no caso do petróleo, não tenha agora medo a UDN da imprensa vendida ao "trust" estrangeiro. Bola em frente, Afonso Arinos!

Está muito calor. E o calhorda do Joel Silveira viajando em navio refrigerado para a Europa, me deixando aqui, a labutar neste forno cívico! Até a semana que vem. E salve o Flamengo!

RUBEM BRAGA